

O OITAVO CONGRESSO CIENTÍFICO AMERICANO DE WASHINGTON

Realizou-se entre 10 e 21 de Maio do corrente ano a reunião do 8.^o Congresso Científico Americano, em Washington, sob os auspícios do governo dos Estados Unidos. A esta reunião estiveram presentes representantes de tôdas as Repúblicas do nosso hemisfério e delegados de várias associações científicas do Continente.

No lindo quadro da primavera norte-americana, a bela capital recebeu carinhosamente tôdas as delegações e as reuniões se processaram numa atmosfera de grande cordialidade. A presidência efetiva da assembléia coube ao Dr. Sumner Welles, que angariou simpatias gerais pelo seu tato e sua gentileza. As onze secções do Congresso funcionaram em estabelecimentos diferentes, mas as sessões plenárias eram realizadas na *União Panamericana*. Foram organizadas interessantes excursões à Virgínia e à *Feira Mundial de Nova York*.

Representaram o Brasil neste 8.^o Congresso o Dr. A. Cardoso Fontes, diretor do Instituto Osvaldo Cruz e chefe da delegação e os Srs. Drs. Barros Barreto, Manuel de Abreu, Sousa Araújo, Glycon de Paiva, Maurício Gudín, Evandro Chagas, Ernesto Fonseca Costa, Nabuco de Araújo, Valter Osvaldo Cruz, Roquete Pinto, Miranda Jordão, Cerqueira Lima, Vital Brasil, Nelson de Sena, Simões Silva, Filadelfo Azevedo, o comandante Radler de Aquino e o Sr. Delgado de Carvalho, que se achava nos Estados Unidos, fazendo conferências em universidades norte-americanas, a convite do *Carnegie Endowment for Peace*.

I — A secção de "História e Geografia" foi presidida pelo prof. Clarence Haring, conhecido autor de trabalhos sôbre a América Latina e professor em Harvard. A vice-presidência coube a um amigo do Brasil, o professor Preston E. James, que apresentou um interessante estudo econômico-demográfico sôbre centros de expansão na América Central, na Colômbia e no Sul do Brasil. A discussão do seu trabalho levou os congressistas da secção a uma troca de idéias e de informações que determinarão com certeza estudos mais aprofundados da tese apresentada, pois trata-se de uma interpretação de vital importância das melhores condições da colonização e da "marcha para o oeste".

Entre as teses apresentadas por brasileiros ou relativas ao Brasil, algumas se referiam mais especialmente à geografia física e econômica e podem ser sumariamente descritas.

O prof. John L. Rich, da Universidade de Cincinnati, que, em Outubro de 1939 relatava na *Geographical Review* uma viagem aérea de Washington a Cincinnati com abundante documentação fotográfica, apresentou no Congresso, um trabalho análogo relativo ao Brasil. Foi um vôo do Rio de Janeiro ao Paraguai, por São Paulo, Curitiba, Irati, Guarapuava e o Iguassú. As fotografias eram inúmeras, boas e perfeitamente localizadas sôbre o mapa. A descrição foi sumária mas interessante porque dava uma noção da topografia, da vegetação e da ocupação humana, de todos os vinte ou trinta mil quilômetros. Foi elogiado o orador pelo comandante Radler de Aquino.

Uma comunicação do paleontologista brasileiro, Dr. Matias de Oliveira Roxo foi lida na secção de geologia. Referia-se a um estudo retrospectivo da flora permiana no Brasil. Depois de referências ao trabalho de I. C. White, em 1905, o autor procura uma interpretação das origens do carvão nacional. Reconstituindo o *habitat* da flora permiana, a conclusão leva a acreditar na existência de um clima muito similar ao atual clima da Nova Zelândia, no qual vingava ao mesmo tempo que uma flora cosmopolita um certo número de tipos gondwanianos.

Um outro estudo geológico relativo ao Brasil foi apresentado pela Dra. Júlia Gardner, do Serviço Geológico dos Estados Unidos. Refere-se aos depósitos terciários marginaes que repousam sôbre o complexo brasileiro e nas bases orientais da cordilheira andina. E' estabelecida pela autora uma tentativa de sequência estratigráfica.

Também na secção geológica, fez uma comunicação o prof. Ch. E. Weaver, de Seattle, ocupando-se do mesozóico na América do Sul e fazendo algumas referências ao Brasil.

Na secção de Estatística foi lido o belo trabalho enviado de São Paulo pelo Dr. Roberto Simonsen, um dos acatados técnicos do nosso Instituto. Tratava

a comunicação da relação entre recursos econômicos e correntes demográficas e foi lida pelo Dr. Cerqueira Lima. Um cuidadoso estudo das reações de nossa economia sobre as nossas populações apresenta um quadro histórico das pulsações de nossas correntes migratórias internas e externas. Simonsen mencionou "migração planificada" e "cooperação panamericana". Algumas de suas conclusões sobre padrão de vida e sobre imigração dirigida para evitar desequilíbrio chamaram muita atenção dos ouvintes.

Mencionemos ainda a comunicação do Dr. Roquete Pinto, lida na secção de Antropologia. O autor refere-se à sua classificação do nossos grupos raciais (leucodermos, faiodermos, melanodermos e xantodermos); avalia em 51 % a população branca para o país, em 22 % o elemento mestiço-mulato e em 11 % o caboclo, ficando 14 % para os negros e 2 % para os índios. As medidas cranianas, nasais, altimétricas e outras, efetuadas pelo autor sobre 2.000 de indivíduos o levaram a considerar vários tipos dentro do mesmo grupo de pigmentação. A conclusão de seu estudo dos faiodermos o leva a declarar "que o índice nasal destes mestiços tende para o tipo branco leptorrínio. E' observação corrente que muitos mulatos teem cabelo e côr de negros e ossos nasais de brancos. A mistura de raças propriamente dita é idéia antiquada. Não podemos mais falar de mistura, mas sim de combinação de tipos, como combinação química em que os elementos perdem algumas de suas propriedades enquanto o produto composto apresenta outras".

Roquete Pinto insiste em demonstrar que o tipo faiodermo é, em regra, pouco homogêneo. Quanto ao grupo melanodermo, lembra que é braquicefálico entre nós, quando na África é mais frequentemente dolicocefálico. Ele atribue o fato a um simples caso humano de mutação. Conclue que, praticamente, o negro puro é inexistente no Brasil e compara o negro brasileiro ao tipo que Fischer chamou de "bastardo" na África do Sul. Suas notas sobre o aspecto fisiológico da questão referem-se ao caráter social das influências exercidas sobre o elemento étnico e terminam com um elogio do valor das populações nordestinas.

O professor Raymond Pearl, da John's Hopkins, leu um interessante estudo que, se não se refere especialmente ao Brasil, nos envolve entretanto nas "tendências e características das populações do Novo Mundo" e, por isso, é de grande oportunidade. O autor compara as densidades das três Américas às densidades dos outros continentes — comparou os índices do crescimento do Hemisfério ocidental aos da Europa: e, em 1900-10 foi 2,4 vezes maior o nosso índice, em 1910-20 foi 7,8 vezes maior e em 1920-35 passou a 2,1 vezes maior apenas. Manteve o contínuo progresso a superioridade do índice vital e também da nossa distribuição da população por idades.

Atendendo a renovados pedidos para que se fizesse presente ao 8.º Congresso, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística apresentou, pelo seu delegado, Dr. Alberto de Cerqueira Lima, além do trabalho do Dr. Roberto Simonsen, já referido, as seguintes contribuições: — *Notícia sobre o desenvolvimento da estatística no Brasil*, do Dr. M. A. Teixeira de Freitas; *A glimpse into the coming fifth census of Brazil*, contribuição da Comissão Censitária Nacional; *Conselho Nacional de Geografia — Organização e Realizações*, do Dr. Cristóvão Leite de Castro; *Sobre o cálculo de tábuas de sobrevivência das populações para as quais não existem estatísticas de óbitos e nascimentos*, do professor Giorgio Mortara; e *Notícia sobre a Sociedade Brasileira de Estatística*, da Secretaria Geral do I. B. G. E.

II — As resoluções tomadas pelo *Oitavo Congresso Científico Americano* traduziram (e talvez não seja isso apenas uma coincidência) uma constante preocupação de criar e manter no Hemisfério ocidental uma mentalidade panamericana, conciente de seus interesses reais, de suas necessidades de desenvolvimento pacífico e de seus direitos. Este Congresso, tão oportunamente reunido, foi uma réplica no domínio da cultura pura, de tôdas as reuniões de caráter político nas quais teem estado empenhadas as Repúblicas do nosso Continente.

Vejamos algumas das resoluções que foram tomadas no Congresso.

Na *Secção de Geologia*, os congressistas emitiram o desejo de ver, no futuro congresso o mapa geológico de 1:5.000.000, uniformizado com o mapa correspondente atualmente em revisão nos Estados Unidos. Recomendaram também um inventário de tôdas as riquezas minerais do Continente.

Na *Secção de Agricultura* foram emitidos votos de cooperação por meio da criação de uma "Comissão Inter-americana de Conservação", encarregada de estudos sobre solos, águas, riquezas naturais e meios de preservar recursos econômicos. Há uma consideração especial do desenvolvimento da agricultura tropical. O secretário norte-americano de Agricultura, Sr. Henry Wallace, tinha feito um eloquente apêlo dissertando sobre o "papel vital" desempenhado pela lavoura nas relações inter-continentais e sobre a necessidade de um *Instituto de Agricultura Tropical*. Um dos pontos que foi mais discutido nesta Secção nos interessa especialmente, pois referia a um estudo das possibilidades da produção da borracha. Esta Secção foi, aliás, uma das mais ativas do Congresso.

Na *Secção de Estatística* o trabalho não foi menos eficiente e entre as recomendações votadas ficou a criação de um *Instituto Inter-americano de Estatística* com um Anuário, Boletins ou Revista e publicações de estatística demográfica. Decidiu-se recomendar a padronização dos métodos e o ensino universitário da Estatística. Foi nesta Secção que se votou felicitações e gratidão ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, considerando o nosso empreendimento como significativo e modelar nos seus planos de coordenação de estatísticas nacionais.

Na *Secção de História e Geografia*, resolveu-se recomendar a coordenação dos esforços na investigação histórica dos diferentes países. Visaram também os geógrafos estabelecer conexões mais intensas entre sociedades de geografia do Continente, considerando os membros de cada uma delas como correspondentes das demais e estabelecendo intercâmbio de relatórios e publicações.

Na *Secção de Economia e Sociologia*, foi votada a significativa resolução seguinte: "recomendando o exame mais completo e minucioso das potencialidades dos países do Hemisfério americano para emprêgo de capital capaz de desenvolver adequadamente os recursos dos países, em vista de promover intercâmbio de mercadorias entre as Nações americanas...". Será fundado também um *Instituto Panamericano de Pesquisas Econômicas e Sociais*. Foi numa das reuniões plenárias que o chefe da delegação brasileira, Dr. Cardoso Fontes, obteve uma emenda a uma resolução desta Secção. Tendo sido incluído apenas o espanhol como língua obrigatória a recomendar, o representante brasileiro modificou a redação e obteve a aprovação da resolução sob a forma seguinte: "O 8.º Congresso Científico Americano resolveu recomendar às instituições educacionais das vinte e uma Repúblicas Americanas o estudo obrigatório das línguas oficiais da América em condições de absoluta equivalência...". Foi uma vitória para o ensino do português que ia sendo deixado de lado pela maioria considerável constituída pelos delegados de língua castelhana. "Contentemos os nossos bons amigos brasileiros...", disse sorrindo o Dr. Sumner Welles ao mandar reconsiderar a proposta da Secção. Assim venceu a patriótica atitude de Cardoso Fontes!

Na *Secção de Educação*, em que foram lidas comunicações interessantes dos Drs. Lourenço Filho, Carneiro Leão e outros brasileiros, a preocupação de difundir o espírito panamericano não foi menor. A lado de resoluções sobre intercâmbio de resultados de pesquisas, de livros de história e geografia, de dados sobre as respectivas Repúblicas, etc., recomendou-se a redução de tarifas e fretes para livros científicos e votou-se a criação de uma *Universidade Inter-americana*, autônoma, em Panamá, com a cooperação da *União Panamericana*.

Em conclusão, o *Oitavo Congresso Científico Americano* de Washington foi a realização de uma grande iniciativa e permitiu que, pela primeira vez, as aspirações do Continente fôssem formuladas de modo concreto, acordando em cada um dos países deste Hemisfério a "consciência panamericana" da qual o momento atual parece provar a urgente necessidade. Os delegados votaram uma moção de gratidão ao Presidente Franklin Roosevelt que, a 10 de Maio, tinha inaugurada a Assembléa pronunciando, numa das horas mais decisivas da História da Humanidade, um discurso que o mundo inteiro ouviu com respeito e acatamento, e que marcava o contraste existente entre a infeliz situação de outros setores da Terra e os pacíficos propósitos da reunião que se inaugurava.

Cabe agora aos Governos das vinte e uma Repúblicas do Continente levar em consideração o que aí foi recomendado e executar, na medida do possível, os sábios conselhos ditados por um espírito de sadio e forte panamericanismo.

D. de C.